

NOSSO OBJECTIVO É QUE RAPIDAMENTE SE CHEGUE À

— Sentimento comum de sete dos membros da associação que estiveram 19 dias no país a "fazer reconhecimento", para depois se reunirem com a Renamo, com o objectivo de "acelerar a paz"

por Moisés Mabunda (texto) e Carlos Bernardo (fotos)

SETE moçambicanos radicados nos Estados Unidos e na Europa estiveram no país de 10 a 29 de Junho último oficialmente, a convite do Presidente Chissano — segundo eles próprios — e sob auspícios da Fundação Friedrich Ebert. Trata-se de Carlos Anselmo Traçada, radicado nos EUA há 26 anos, Carlos Mbwere, na RFA há 24 anos, João Makombe, na França há 20 anos, João Rajabu da Costa e esposa (Teresa da Costa), na RFA há 27 anos, José Chikwara Massinga, nos EUA há cinco anos e de Marcos Mulendzera, na RFA há 23 anos. Estes moçambicanos dizem-se pertencer a uma associação, chamada Associação Moçambicana "Grupo de Colónia", fundada em 1989, na cidade alemã federal de Colónia (daí o nome, Grupo de Colónia), com o objectivo central de "acelerar o processo de paz" para Moçambique. Se são partido político? Não. Não são partido, afirmam-se "associação cívica". Razão da visita ao país: ver "in loco" a situação. Ouvir da boca do povo o que se passa no país. Efectivamente, oportunidade folhosa dada. Com o Presidente Chissano, visitaram a província de Inhambane, além disso, mantiveram vários encontros com o Chefe de Estado moçambicano. Reuniram-se com dirigentes de quase todos os partidos políticos em formação, ou já formados. Reuniram-se com quase todos os dirigentes de congregações religiosas em Maputo. Falaram com o Presidente do Tribunal Supremo. Falaram com jornalistas, com dirigentes de organizações democráticas de massas e com sindicatos. Reuniram também com vários representantes diplomáticos (tanto de países africanos como de europeus) envolvidos ou não no processo da paz. Visitaram quatro províncias do país: Manica, Sofala, Tete e Zambézia. Percorreram o "Corredor da Beira" de automóvel. E falaram com o cidadão anónimo, desconhecido. Resultados da visita? Só depois da reunião com todos os outros membros da associação. Mas serão dados a conhecer publicamente à Renamo e ao Governo, bem como à opinião pública internacional. "Domingo", em exclusivo, falou com os sete membros, no último dia da sua visita.

Eis a conversa:

"Domingo": — A questão que colocariamos em primeiro lugar é: o que é o chamado "Grupo de Colónia", qual representado por sete membros?

João Makombe: — O Grupo de Colónia é uma associação de moçambicanos. Porquê Grupo de Colónia? Por simples razão histórica: A associação formou-se na cidade de Colónia, na Alemanha Federal. A intenção do grupo era tentar reunir mais moçambicanos para seguir o que se passava aqui no país. Então, como o problema da paz foi sempre um problema muito complexo, todos nós estávamos e ainda estamos a seguir de perto tanto o que se passa aqui, como o que se passa fora. Assim, formámos o grupo e elaborámos o primeiro manifesto, o manifesto da

moçambicano, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Pascoal Mocumbi, que frisou que o Governo queria avançar nas negociações e tivemos um segundo encontro com o Presidente da República, quando ele estava na França; novamente, discutimos o problema da paz. Quando voltamos à RFA, mais uma vez tentámos contactar com a Renamo e assim conseguimos tal encontro, de 15 a 17 de Abril deste ano, quando uma delegação acompanhava o Presidente da Renamo em Roma. Debatesmos com ele o nosso

claro, nós podíamos entender que a democratização, a liberalização, as liberdades individuais; e tudo isso ainda

Em Maputo, como nas outras províncias, há uma expectativa, há o cansaço da guerra

não tinha sido estabelecido no país. Ficámos confusos, porque ouvimos: "Em Moçambique, há democratização, há liberalização..." e perguntámo-nos, afinal, quais eram os princípios dessa

al... quais são as impressões que o grupo tem depois destas cerca de três semanas em Moçambique, com o povo, com todas as camadas sociais?

José Chikwara Massinga: — Bom, nós vínhamos com o objectivo de ver até onde iam as mudanças de que estavam a falar. Constatámos que há, de facto, uma mudança tangível. Para uma pessoa que viveu os terríveis anos que passaram, os anos setenta, os anos oitenta, e depois deixou o país e que agora regressa, pode ver que há, efectivamente, mudanças como da noite para o dia. Ontem, era difícil um cidadão simples levantar-se, a dizer alguma coisa, desafiando a autoridade. Hoje, vimos com os nossos próprios olhos no comício a que assistimos em Inhambane, cidadãos simples levantam-se e dizem qualquer coisa contra o Governo, dizem mesmo ao próprio Chissano "não", vocês são culpados nisto e naquilo e o Presidente Chissano só se limita a dar o seu argumento, a responder; o que não se dava há poucos anos atrás; de modo que isto é sinal mesmo de uma mudança radical no país, além de outras coisas; antes, não se apanhava nada nas lojas, nos mercados, nem verdura, agora tudo isto está recheado, a pouco e pouco a vida está a voltar, é claro, não para aquilo que era naqueles

não tenho nenhuma ideia sobre qual foi o Maputo, antes e depois da independência, e, depois, o Maputo de pouco antes do chamado PRE e o de agora. Só poderia ter alguma impressão se se tratasse de uma pessoa que já tivesse vivido aqui algum período atrás ou depois. O que eu vejo é esta faceta de hoje; portanto, é-me muito difícil fazer um juízo...

Marcos Mulendzera — É-me também difícil pronunciar nesta questão específica, porque nunca conheci a cidade de Maputo e só me dá a impressão que para uma capital de um país como Moçambique, parece-me que há ainda muito que fazer. Os vestígios da guerra são muito óbvios, nota-se que os trabalhos de construção estão quase parados e parece-me também que o povo todo está numa expectativa. Há o cansaço da guerra, tanto em Maputo como nas províncias onde fomos. Mas acho ser Maputo uma grande cidade, com muito potencial, acho, é que podia, em termos de capacidade industrial, ser uma base de desenvolvimento, mas que está a ser subvalorizada, sub-explorada, pelos vestígios da guerra...

"D" — Concretamente, sobre os objectivos da vossa visita, quais as impressões que tem?

JM — A razão principal, razão que nos trouxe até aqui, é podermos apreciar a situação no terreno, como ficou dito, era ver quais as impressões que este povo tem, como pensava, como sentia o problema da guerra, do sofrimento, qual era o seu sentimento com relação ao processo da paz. Que esteja claro que não temos nada a ver com o Governo, em termos de que não somos do Governo e não somos da Renamo, a nossa posição é equidistante em relação aos dois beligerantes. Algumas declarações podem estar um pouco confusas, de modo que viemos apreciar a situação de perto, como é que o povo sente os efeitos da guerra e como é que nós, cujo objectivo é ajudar a acelerar o processo da paz, podemos enquadrar, organizar o nosso plano.

João Rajabu da Costa — Viemos sentir a esperança dos Irmãos moçambicanos aqui, ouvir dos nossos Irmãos: "isto não tem prioridade", "aquilo tem prioridade", e como fazer para chegar a essa prioridade...

"D" — Voltamos, por momentos, ao que toca à formação do grupo. Quais são os verdadeiros ideais do grupo, o que é que o grupo pretende?

JRC — "O Grupo de Colónia", como pano de fundo da sua citação, adoptou a procura da paz, fazer tudo por tudo junto dos dois beligerantes, o Governo da Frelimo e a Renamo, para que se entendam o mais cedo possível, para deixar as armas no chão e trabalhem juntos em paz por um novo Moçambique, sem guerra, sem violência, com diferença de opinião é claro. A paz que nós queremos não é a de que o pessoal da Renamo não seja torturado pela Frelimo e vice-versa, não, é paz para todo o povo moçambicano. Portanto, estamos a lutar para que uma paz duradoura entre em Moçambique. Exigimos democracia, o respeito pelas liberdades individuais, que haja condições para todo o cidadão viver no seu país, sem

Encontramo-nos com o Presidente e discutimos frente-a-frente da meia-noite até três da manhã

Colónia e enviámo-lo às duas partes: ao Governo e à Renamo. Passadas duas semanas, recebemos uma resposta da parte do Governo que concordava com alguns pontos e

Diakhama disse que os objectivos pelos quais lutava ainda não tinham sido atingidos.

discordava de outros e, ao mesmo tempo, convidava o grupo a ir a Lisboa, para se encontrar com o Presidente Chissano, quando da sua última visita, em Abril do ano passado. Encontrámo-nos com o Presidente e ele, mais uma

Vimos perceber do povo por que a guerra continua e o que acontece no terreno

vez, tinha o manifesto nas mãos e discutímo-lo frente-a-frente, da meia noite até três da manhã. Depois, continuamos com os nossos contactos com ambos os lados. Tivemos o segundo encontro com um governante



Dialogando com o Presidente Chissano, na recepção que marcou o fim da visita presidencial a Inhambane

documento e discutimos as causas da guerra, porque continuava a guerra e quais eram os planos para o futuro...

"D" — E ele disse por que é que continuava a guerra?

JM — É claro que disse. Disse que os objectivos pelos quais lutava ainda não tinham sido atingidos.

"D" — Não mencionou os tais objectivos?

JM — Não, não mencionou; mas é

liberalização; então viemos aqui com dois pontos. Primeiro: antes de tudo, tentar, com o povo, saber, perceber porque é que a guerra continuava, porque continuava a lutar-se. O segundo: era ver, realmente, o que é que acontecia no terreno, ver se as mudanças que se dizem haver são reais, são de fundo ou são superficiais...

"D" — Bom, já que chegou até

tém, pois, segundo nos constou, nunca tinham estado quer em Lourenço Marques, quer em Maputo,

Não somos do Governo nem da Renamo, somos equidistantes dos dois

antes...

Carlos Mbwere — É difícil dar uma resposta exacta. Precisamente porque

ser pressionado por qualquer manipulação que venha de dentro ou de fora. Portanto, o nosso ideal número

PAZ

um é levar os dois a deporem as armas, é reduzir e mesmo eliminar as diferenças entre as duas partes para um fim da guerra, que os contactos que agora estão a ter lugar em Roma terminem o mais cedo possível de uma forma frutuosa para o povo moçambicano, para que os dois ponham de fora os preconceitos que cada um tem do outro, para que

com amigos pessoais, com pessoas conhecidas. Mas, efectivamente, nós, como moçambicanos, estamos desinformados, não sabemos o que se passa no país, não temos informações concretas. Mas, mesmo essas informações que recebemos de amigos e pessoas conhecidas, são muito esporádicas e muitas vezes deixam-nos mais confusos que antes.

Exigimos democracia, o respeito pelas liberdades individuais...

apresentem na mesa os pontos que interessam ao povo moçambicano...

"D" — Interessantes objectivos e ideais, mas parece-nos um pouco utópico, no sentido em que não conhecemos o potencial da credibilidade de que goza o grupo

"D" — Considerando essas informações esporádicas que têm recebido, hoje, parte do grupo está em Moçambique e tem a oportunidade de ver o que aqui se passa. Acha que tais informações correspondem à realidade; ao que



Um reencontro entre velhos quadros do mesmo Ministério o dos Negócios Estrangeiros

junto do Governo e Junto da Renamo. Quer dizer, não sabemos até onde o grupo pode influenciar alguma das partes. Como é que o grupo conta fazer isso?

JRC — Temos adoptado muitos métodos para atingir o objectivo. Primeiro foi o contacto directo com as partes, mandámos delegações nossas para contactar com a Renamo, para dizer: "Faça o favor, sentem-se e troquem ideias, falem" e à Frelimo, com o mesmo objectivo. Encontrámo-nos várias vezes com governantes moçambicanos, como ficou dito, encontrámo-nos algumas vezes com dirigentes da Renamo, a nossa

se passa?

CAT — Em termos gerais, diria que sim, embora cada jornal trate o assunto de sua forma, de acordo com a sua

Dizendo isto em poucas palavras: o grupo condena categoricamente a tentativa de golpe de Estado

linha de opinião. Em termos gerais sim há transformações, as informações que recebemos são de que cá há transformações. Efectivamente, transformações há, vemos isso agora, vemos também que há um esforço por parte do Governo de mudar a situação do país.

A paz que nos queremos não é a de que o pessoal da Renamo não seja torturado pela Frelimo, vice-versa...

mensagem tem sido a mesma diante dos dois: parem com a guerra, falem para encontrar a paz. Portanto, a tentativa tem sido de aproximar os dois e fazer com que eles próprios encontrem um caminho pacífico para resolver o que os diferencia, o que militarmente os opõe.

"D" — Gostávamos de ouvir do senhor Carlos Anselmo Traçada como é que o grupo, sediado na cidade alemã de Colónia e com os seus membros espalhados pela Europa e pelos Estados Unidos, recebe informações sobre Moçambique, como é que o grupo se informa a respeito do seu país?

Carlos Anselmo Traçada — A maior parte das informações que nós temos é através da televisão, de jornais, mas muito raramente, de contactos

"D" — Se nos permite, queríamos colocar uma questão pessoal ao senhor Massinga... Há anos, foi acusado de colaborador da CIA — Agência Central de Inteligência — a agência de espionagem americana e, que nos lembremos, não teve a oportunidade de ser ouvido publicamente. A pergunta que colocaríamos é se o Sr. Massinga colaborou ou não com a CIA?

JCM — Aqueles que me acusaram estão aqui, não é? Hoje em dia, estou com eles. Essa pergunta também podia ser dirigida a eles; como é que eu, de facto, tendo pertencido à CIA, hoje estou a conversar com eles, hoje estou com eles e se a CIA era o terror que estava para destruir, como é que hoje de novo está perto deles, eu formularia

a pergunta desta maneira.

"D" — Isso é o que toca a eles, mas o que nós queríamos saber é o que toca a si e não aos que o acusaram...

JCM — Não vou dizer se colaborei ou não colaborei, se as afirmações que apareceram durante a minha detenção deixaram o público com esta convicção, você sabe, quando se está na prisão, nem tudo o que sai dali vem da sua boca, nem tudo o que se escreve é o que você afirma ou o que é a verdade. E mais: Você não está em poder de desmentir o que se diz.

"D" — Mas, concretamente, o que é que o levou a sair de Moçambique?

JCM — Depois da minha saída da prisão, você viu, se não viu ouviu em que estado eu estava; não tinha onde ir, tinham tirado a minha casa e tinham tirado todas as minhas coisas e eu precisava de ter um mínimo de medicamentos, de vitaminas, para poder recompor-me; no entanto, não havia, nas farmácias, medicamentos para eu poder comprar; precisava de ter o mínimo de tratamento da minha saúde, o mínimo de paz, de tranquilidade para eu poder recompor-me. O país não estava em condições de proporcionar tudo isso, não é segredo para ninguém; então vi-me na contingência de deixar o país, para poder tratar-me.

"D" — E então ficou por lá...

JCM — Fiquei por lá porque havia condições para recompor a minha saúde e, como vê, estou mais ou menos recomposto...

"D" — Gostaríamos de colocar a mesma pergunta ao casal Costa: por que saiu do país?

JRC — Como é que saímos? É difícil responder: Eu saí no ano de 1966, partindo daqui de Lourenço Marques para o interior. Naquele tempo, decorria a luta armada, a situação aqui dentro era bastante má, politicamente todos tinham a esperança de uma mudança, havia todo o tipo de privações das liberdades, vimos que aquilo não era justo e saímos, apesar de privilegiados que éramos. Fomos procurar onde estavam os outros, que eram a FRELIMO, outros moçambicanos com os mesmos ideais, para trabalharmos juntos. Juntámo-nos a eles, discutimos vários pontos relacionados com os objectivos da luta e com o futuro; tivemos ideias diferentes, eu nunca acreditei que o comunismo aplicado tal e qual está escrito podia ser remédio para a sociedade moçambicana; diziam que a teoria estava bem explícita, bem idealizada, bem escrita e tudo e nós dizíamos que sim, mas não podia ser taxativamente imposta à realidade do nosso país; os problemas de Moçambique são específicos, não são nada iguais ao que se passa na Rússia

ou na China e nós tínhamos que encontrar um modelo adequado ao nosso povo. A troca de ideias levou muito tempo, de tal modo que eu não podia aceitar que o socialismo científico, tal como foi definido, pudesse ser aplicado taxativamente e logo após a independência; como se viu, aqueles que não estivessem de acordo com determinada coisa naquele tempo, eram mercenários, inimigos da revolução, reaccionários, etc.; mas, atenção, eu não fugi da Frelimo, fui despedir-me, até o Presidente Chissano, agora, se lembra disso; eu disse: nesta situação, não é possível cooperarmos juntos, eu ponho-me de fora, pus-me de fora, até hoje que apareço para ver se ajudo este povo que está a sofrer, engajado no processo de paz.

"D" — Consta que a senhora Teresa conheceu pessoalmente a senhora Josina Machel. Ainda se lembra de como é que a conheceu e o tipo de convívio que havia entre vocês as duas?

Teresa da Costa: — Conheci-a antes e reencontrámo-nos no campo de Nachinguêla, estlvemos juntas, fizemos curso militar juntas, passámos muito tempo juntas e quase fazíamos juntas todas as tarefas que se



Da esquerda para a direita: Marcos Muldzers, Carlos Mbwere, Carlos A. Traçada, José C. Massinga, Teresa da Costa, João Makombe e João R. da Costa

impunham na altura.

"D" — Como era o relacionamento entre a senhora e ela?

TC — Era muito bom, ela era minha amiga pessoal. Aliás, já nos conhecíamos aqui em Lourenço Marques e, como disse, foi um reencontro em Nachinguéla, cada uma chegou lá de sua maneira, mas depois tornámo-nos amigas, lembro-me de que estava a Josina, estava a Deolinda Nguézimane, e estavam outras cujos nomes não me lembro agora.

"D" — Uma última pergunta para a senhora, como é que se sentiu quando voltou a pisar Maputo depois da partida e 1966?

TC — Senti, e sinto-me, ainda, como alguém que vive muito tempora fora de casa e depois volta e chega-se perto da mãe; sinto qualquer coisa que essa pessoa sente nesse momento. Não me pergunte o que é, que não saberia dizer, era incapaz; é difícil neste momento traduzir em palavras o que sinto; agente sente, sente, o coração parece que está nas mãos, a cabeça parece que não funciona, a gente não acredita que está a pisar num determinado sítio, a casa, a gente pensa que está a sonhar, tudo isso junto...

"D" — Perdão, foi, para si, muito doloroso viver fora da sua pátria largo tempo?

TC — Muito difícil, sobretudo durante muitos anos, a gente sente, muitas vezes, como se estivesse sem país, como se tivesse caldo de céu, fora do seu ambiente cultural. Muito doloroso, mas depois de a pessoa se acostumar, parece fácil, menos difícil; mas é doloroso mesmo...

"D" — Retomando a questão política. Vocês dizem-se uma associação não política. Agora estamos a lembrarmo-nos da Associação Cívica de Angola, que enquanto a guerra decorria, dizia-se uma associação cívica, mas, segundos após a assinatura do cessar fogo, emitiu uma declaração na qual publicamente se assumia como partido político e que o presidente se candidataria às eleições presidenciais. Concretamente, vocês são ou não são um partido político? Se não são, não acham que contribuiriam melhor no processo moçambicano transformando-se em sério partido político?

JM — Eu diria, para começar, que cada grupo que se forma tem os seus objectivos principais; quando o nosso grupo se formou, nós tínhamos realmente o nosso objectivo: Tentar participar neste processo: a busca da paz. De que maneira?, contactando as três partes. A Renamo, a Frelimo o Governo, e o povo. Nós estamos empenhados neste.

Fundamentalmente, a pergunta é: o que será o grupo amanhã? Por enquanto, nós somos uma associação humanitária; agora, amanhã, nós não sabemos o que seremos; por acaso, alguém sabe o que vai ser o dia de amanhã, o ano que vem?

Se, mais tarde, a realidade for outra,

o grupo achar que deve buscar um outro enquadramento, um outro posicionamento, aí vamos ver o que faremos, se nos dissolvemos, se nos transformamos em outra coisa, se nos dividimos, etc., tudo pode ser possível.

"D" — A nossa mesa-redonda já vai muito longa. Talvez terminássemos abordando um tema "quentinho": A tentativa de golpe de Estado; qual é a posição do grupo?

MM — Ficámos muito chocados com o acontecimento, porque está muito fora do tempo: quer dizer, neste momento em que todos os esforços estão sendo feitos no sentido da paz no nosso país, é precisamente agora que vem uma tentativa: um mistério... porque, na minha maneira de ver, se as pessoas que estão envolvidas estão contra o processo em curso, talvez tivesse feito isso mais cedo. Agora, as mudanças chegaram a um nível tal que o processo já é irreversível. Dizendo isto em curtas palavras e isto o grupo transmitiu directamente ao Presidente Chissano no encontro de ontem: o grupo condena categoricamente o golpe de Estado.

"D" — Uma última questão realmente. Os senhores são moçambicanos. Quando é que regressam a Moçambique?

JRC — No dia do cessar-fogo, gostaríamos de celebrar com os nossos irmãos cá; mandem-nos um convite formal. Agora, quando é que voltamos

Se mais tarde, o grupo achar outra coisa... tudo é possível

definitivamente?, é uma questão difícil, não sabemos. Se o grupo fosse um partido político, diríamos já que brevemente, para começar a fazer campanha...



O reencontro mais memorável

JM — A questão é, realmente, muito difícil, é como se de um adolescente se tratasse e quando alguém lhe perguntasse, já aos dezasseis anos, quando é que se casa

"Não fugi da Frelimo, fui despedir, até o Presidente é." Eu disse: nesta situação, não é possível cooperarmos ju

é difícil, pior ainda entanto que grupo; individualmente, depois do cessar fogo, cada um de nós pode voltar, mas entanto que associação, é muito difícil

"Se colabora com a A? Aqueles que me busaram estão comigo hoje em dia e eu perguntaria a eles..." — Massinga

dizer que voltamos data tal.

CM — Além disso, nós somos uma parte do grupo, lá fora há outra, a maioria, de modo que nós, aqui, não podemos fazer compromissos, afirmação dessa natureza, é possível que o grupo decida

... nunca acreditei que o compromisso aplicado tal e qual está escrito podia ser remédio para a sociedade moçambicana..." — JA

outra coisa lá...

JCM — Eu pensava que a pergunta seria quando é que o grupo voltava para se registar cá em Moçambique e operar a

que se deve transformar em

partir de cá...

"D" — O senhor Massinga pode, já agora, responder à pergunta que formulou...

JCM — Bom, isso depende



entre o grupo e a sura...

de todo o grupo, não apenas de nós sete aqui. Mas, fundamentalmente, o nosso objectivo é a paz, conseguida a paz, ver-se-á depois.

despedir, até o Presidente é." Eu disse: nesta situação, não é possível cooperarmos ju